

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROTAGONISMO DAS VOZES NEGRAS EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Camila Karla de Santana ¹
Kaillane Jirlene Santana da Silva ²
José Pereira de Sousa Júnior ³

RESUMO

Este relato de experiência descreve uma intervenção pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), com turmas do Ensino Médio em uma escola pública da rede estadual. A atividade foi dividida em duas aulas e tinha como tema principal “O Protagonismo das Vozes Negras: conhecendo histórias que a escola precisa ouvir”. O objetivo principal foi promover reflexões sobre identidade, cultura negra e representatividade, dando visibilidade a autores, artistas e intelectuais negros historicamente silenciados no espaço escolar. A proposta está em consonância com a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, dialógica e participativa, composta por exibição de vídeos, rodas de conversa, produção coletiva de cartazes e organização do “varal da memória negra”. As atividades estimularam a escuta ativa, a pesquisa crítica e o protagonismo estudantil. O referencial teórico foi baseado nos estudos de autores como Cida Bento (2022), Djamila Ribeiro (2019), Bell Hooks (2020), Carolina Maria de Jesus (2014) e Conceição Evaristo (2014), que abordam temas como identidade, memória, representatividade e práticas pedagógicas antirracistas. Dentre os principais resultados, destacam-se a ampliação da consciência crítica dos estudantes sobre questões étnico-raciais, o fortalecimento das conversas sobre diversidade na escola e a valorização das vozes negras no dia a dia pedagógico. Todavia, essa experiência também contribuiu para a nossa formação como professores. Como bolsistas do PIBID, tivemos a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas importantes, sensíveis e transformadoras, reforçando nosso compromisso de contribuir para uma educação mais justa, diversa e antirracista.

Palavras-chave: Educação antirracista; Lei 10.639/2003; Formação docente.

INTRODUÇÃO

A conversa sobre educação antirracista tem ganhado destaque nos debates atuais sobre ensino e formação de cidadãos, promovendo uma prática pedagógica que valoriza a

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – UPECMN, Camila.ksantana@upe.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – UPECMN, Kaillane.silva@upe.br;

³ Prof. Doutor pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – UPECMN Josepereira.junior@upe.br;





diversidade, o respeito e a igualdade. Nesse contexto, o presente relato de experiência aborda uma intervenção pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Médio, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cujo eixo temático, “O protagonismo das vozes negras: conhecendo histórias que a escola precisa ouvir”, e o objetivo foi mostrar como a representatividade e o reconhecimento das contribuições negras são essenciais na história e na cultura brasileira.

Entretanto, essa iniciativa se apoia na Lei 10.639/2003⁴, que torna obrigatória a inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. A ideia é combater as práticas excludentes que ainda deixam as identidades negras de fora do espaço escolar, promovendo uma mudança importante nesse cenário. Conforme afirma Nilma Lino Gomes:

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (Gomes, 2005, p. 171-172).

A reflexão de Gomes (2005) destaca o papel importante da escola como um espaço que ajuda a formar identidades e a reconhecer a diversidade. Quando a escola não adota uma prática pedagógica que seja inclusiva, ela acaba ajudando a perpetuar preconceitos e desigualdades que já existem há muito tempo. Por isso, conversar sobre as representações da população negra na sala de aula é uma maneira de incentivar uma visão mais crítica e de fortalecer o sentimento de pertencimento entre os estudantes.

É importante destacar que a proposta também buscou ampliar a compreensão dos estudantes sobre o racismo estrutural e suas consequências na sociedade. Observou-se que, na maioria das vezes, os livros didáticos ainda reforçam uma visão limitada sobre a população negra. Raramente apresentam imagens de pessoas negras que tenham alcançado sucesso ou desempenhado papéis de relevância na história, nas artes ou na política. Na maior parte das vezes, essas representações se restringem a contextos de escravidão ou marginalização, o que contribui para a manutenção de estereótipos e para a invisibilidade das contribuições negras ao longo do tempo.

⁴ A Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, modifica a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino.





Todavia, essa ação pedagógica surgiu ao perceber que, muitas vezes, as discussões sobre questões étnico-raciais ainda são pouco abordadas nas aulas, além de muitos alunos desconhecerem a Lei 10.639/2003, o que mostra uma lacuna na implementação de uma educação de fato inclusiva. A abordagem metodológica utilizada teve um caráter qualitativo e dialogado, envolvendo observação e a participação ativa dos estudantes em atividades reflexivas e colaborativas. Os resultados mostraram que essa experiência ajudou a valorizar a cultura afro-brasileira, aumentou a autoestima dos alunos e estimulou uma postura mais crítica diante das desigualdades raciais. Assim, essa prática se mostrou uma ferramenta importante para a formação dos estudantes, contribuindo para uma educação mais consciente e inclusiva.

METODOLOGIA

A pesquisa teve caráter qualitativo e descritivo, com foco na observação e na participação dos estudantes nas atividades propostas. A intervenção foi realizada na EREM João Cavalcanti Petribú, com uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Para começar as discussões, foram exibidos vídeos que tratavam do racismo estrutural e da invisibilidade da presença negra na educação, servindo como ponto de partida para uma roda de conversa. Nesse momento, os estudantes falaram sobre a falta de autores e intelectuais negros nos conteúdos escolares e os impactos dessa ausência.

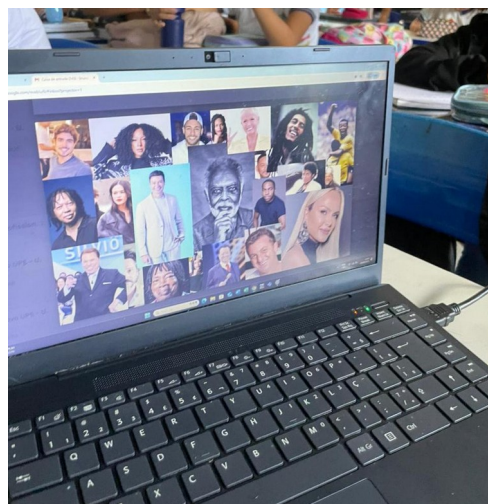
Em continuidade, os alunos participaram de uma dinâmica com um mural comparativo, onde observaram fotos de figuras negras e brancas. Ao analisar as imagens, perceberam que as personalidades mais conhecidas eram, na maior parte, brancas, pois aparecem com frequência na televisão, na mídia e em outros meios do dia a dia. Por outro lado, as personalidades negras tinham menor visibilidade, o que levou a reflexões sobre os mecanismos de exclusão e a maneira como a história é contada.



fotografia –apresentação da intervenção aos alunos



Fotografia – mural comparativo



Fonte: arquivo da autora (2025, PE)

Fonte: arquivo da autora (2025,PE)

O aprofundamento da intervenção aconteceu por meio de trabalhos em grupo, onde os estudantes escolheram personalidades negras importantes, como Conceição Evaristo, Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Lia de Itamaracá, Djamilia Ribeiro e Cida Bento. Com essas pesquisas, eles criaram cartazes com informações sobre a vida dessas pessoas, suas obras culturais e suas contribuições sociais. Depois, esses cartazes foram pendurados em um “varal da memória negra”. Essa atividade foi um momento importante para valorizar a identidade negra na escola, ajudando a promover representatividade e a reconhecer a importância histórica e cultural do povo negro. Como destaca Santos (2018, p. 47), esse tipo de iniciativa está alinhada com a Lei nº 10.639/2003, que orienta a inclusão de conteúdos que valorizem a



história e a cultura do povo negro, permitindo que os estudantes se identifiquem mais com essas histórias.

Todas as ações foram feitas com a autorização da escola e do professor responsável pela turma. Os alunos foram informados de que as imagens capturadas durante as atividades seriam usadas somente para fins educativos, como parte do projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

REFERENCIAL TEÓRICO

A conversa sobre educação antirracista tem se tornado cada vez mais presente nas escolas e na formação dos professores, pois é uma maneira importante de valorizar a diversidade e construir uma sociedade mais justa. Djamila Ribeiro (2019) traz ideias importantes sobre a necessidade de dar voz às pessoas negras, questionando as estruturas que, por muito tempo, silenciaram e excluíram essa população. Como afirma a autora:

Conversar em casa com a família e com os filhos, e não só manter uma imagem pública, com destaque para as redes sociais, também é fundamental. Algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações, como apresentar para as crianças livros com personagens negros que fogem de estereótipos ou garantir que a escola dos seus filhos aplique a Lei n. 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira (Ribeiro, 2019, p. 20-21).

Essa compreensão reforça o propósito do meu trabalho no PIBID, mostrando que a educação antirracista precisa ir além da sala de aula, alcançando também o ambiente familiar e social. É nesse diálogo constante entre escola e comunidade que se constrói uma formação realmente transformadora, capaz de valorizar diferentes identidades.

De forma semelhante, Bell Hooks (2013) vê a educação como uma prática de liberdade, que permite romper com os modelos tradicionais e criar espaço para ouvir, dialogar e reconhecer diferentes identidades. Para a autora, “quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos” (Hooks, 2013, p. 35).





Hooks destaca o papel do professor em trazer para a sala de aula conteúdos, experiências e histórias que tenham relação com a realidade dos estudantes. No contexto do nosso projeto, essa ideia se manifesta na proposta de desenvolver uma prática antirracista, abordando a vida e as contribuições das pessoas negras, além de questões de identidade e pertencimento. O objetivo é promover uma pedagogia engajada, na qual os alunos se identifiquem com as narrativas apresentadas, compreendam a importância da história e cultura negra, e passem a ver nos livros e nas atividades escolares uma representação de suas próprias experiências. Assim, a escola se torna um espaço que valoriza as identidades e reforça a autoestima, ajudando a formar indivíduos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Ao trabalhar com o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1960), percebi o quanto essa obra tem uma força enorme, tanto pela maneira como ela é escrita quanto pela realidade que ela revela. Carolina faz um relato bem realista sobre a desigualdade e o racismo estrutural que enfrentou no seu dia a dia, mostrando como é viver à margem da sociedade. Sua escrita vem da experiência, de uma vida difícil, mas também da coragem e resistência de uma mulher negra que decidiu contar sua própria história.

Levar esse livro para a sala de aula foi muito importante, porque ajuda os estudantes a entenderem o valor das vozes negras, que muitas vezes foram silenciadas ao longo da história. Essa leitura desafia os estereótipos que a sociedade criou sobre as pessoas negras e mostra que suas histórias, seus sofrimentos e suas conquistas também fazem parte da nossa formação como povo brasileiro. Além disso, a obra também nos convida a refletir sobre a diversidade e a interculturalidade, ajudando os estudantes a reconhecerem e valorizarem diferentes culturas, experiências e identidades. Assim, eles aprendem a importância de respeitar e aprender com perspectivas. Através dessa experiência, os alunos puderam refletir sobre a realidade de muitos brasileiros e enxergar como é fundamental dar espaço e reconhecimento às histórias dessas pessoas dentro da escola.

No livro *A Discriminação do Negro no Livro Didático* (2019), Ana Célia da Silva analisa criticamente como os materiais escolares historicamente, acabam reforçando estereótipos e deixando a população negra invisível. A autora evidencia que os livros didáticos costumam retratar o negro de forma limitada, quase sempre relacionando-o à escravidão e a papéis inferiores, o que acaba influenciando na formação da identidade e na





autoestima dos estudantes negros. Conforme afirma Silva (2019, p.26) “os personagens negros são citados como pertencentes a um passado histórico, não atuantes no presente e identificados como escravos, humildes e colocados em posição inferior”. Essa análise destaca a importância de adotar práticas pedagógicas que vão além do uso passivo do livro-álbico, incentivando a reflexão sobre as imagens e histórias que ele apresenta. Nesse processo, o professor tem um papel fundamental: deve estar atento às narrativas e ilustrações, questionando possíveis estereótipos e promovendo debates que ajudem estudantes a desenvolverem uma visão crítica.

Muitas vezes, o livro didático ainda mostra a população negra de forma limitada, seja em posições inferiores ou em representações simbólicas que naturalizam a ausência de diversidade, como quando apenas bonecas brancas aparecem nas ilustrações, ou quando crianças negras são invisibilizadas nas cenas cotidianas. Discutir essas escolhas em sala de aula é uma maneira de desafiar visões estereotipadas e ajudar os alunos a se tornarem cidadãos mais críticos, conscientes e sensíveis à importância da representatividade e da diversidade em todos os ambientes sociais.

Com base na leitura de Bento (2022) e na minha própria experiência, percebo que, ao longo da história, as escolas costumam favorecer a presença de pessoas brancas, tanto na gestão quanto na equipe de professores. Durante toda a minha trajetória escolar, tive poucos professores negros; foi só na universidade que comecei a conviver com docentes negros inseridos no ambiente acadêmico. Essa predominância de profissionais brancos revela uma visão eurocêntrica que se reflete nos currículos e nas práticas pedagógicas. Por exemplo, durante meus anos de escola, pouco se falava sobre a cultura negra, mesmo sendo uma obrigação pela Lei 10.639/2003.

Essa falta de abordagem afeta diretamente a formação dos estudantes, pois limita o conhecimento sobre a diversidade cultural e a representatividade negra desde cedo. Entender essa lacuna me faz perceber a importância de discutir essas questões já nos anos iniciais, promovendo práticas pedagógicas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira e contribuam para a formação de estudantes conscientes da diversidade social e cultural que os cerca.

Ao combinar as ideias de Ribeiro (2019), Hooks (2013), Carolina Maria de Jesus (1960), Silva (2019) e Bento (2022), este referencial teórico se apoia numa visão de educação





que seja crítica, inclusiva, libertadora e antirracista. No nosso projeto, trazer o mural comparativo, a produção de cartazes e o varal da memória para a sala de aula foi uma maneira concreta de inserir a história e a cultura afro-brasileira nas atividades pedagógicas, seguindo o que determina a Lei 10.639/2003. Essa estratégia não é apenas para atender a uma exigência legal, mas tem o objetivo de criar um processo de ensino mais forte, onde professores de História e de outras disciplinas possam discutir, refletir e incorporar esses temas no dia a dia escolar, compartilhando experiências próprias e dos alunos. Dessa forma, a escola se torna um espaço de aprendizagem relevante, preparado para ajudar os estudantes a lidarem de forma crítica com a diversidade cultural e social que irão encontrar ao longo da vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção possibilitou reflexões e aprendizagens significativas entre os estudantes sobre a invisibilidade da população negra na escola e nos materiais didáticos. As atividades evidenciaram que personalidades brancas ainda ocupam maior destaque, enquanto referências negras são pouco lembradas, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. O “varal da memória negra” contribuiu para valorizar a identidade e a cultura afro-brasileira, promovendo representatividade e reconhecimento histórico. Esses resultados demonstram que práticas pedagógicas voltadas à valorização da diversidade e da presença negra podem favorecer uma educação mais inclusiva, crítica e capaz de combater preconceitos e estereótipos ainda presentes no cotidiano escolar. Além disso, foi possível perceber que a prática educativa utilizada não apenas valorizou a cultura negra, mas também estimulou a formação de cidadãos críticos, capazes de reconhecer e combater o racismo estrutural presente em diferentes esferas sociais. O contato com novas referências históricas e culturais ampliou a percepção dos estudantes sobre a pluralidade da experiência humana, fortalecendo o respeito às diferenças. Assim, a intervenção se mostrou relevante não apenas no campo escolar, mas também como contribuição para a transformação social mais ampla. Além disso, podemos ver que a inserção de práticas pedagógicas antirracistas no cotidiano escolar despertou o interesse dos estudantes em conhecer mais sobre as trajetórias de personalidades negras que marcaram a história do Brasil e do mundo. Esse movimento de reconhecimento e valorização da identidade negra promoveu momentos de diálogo entre os alunos, nos quais emergiram reflexões sobre pertencimento, igualdade e justiça social. Logo, as discussões realizadas em sala possibilitaram desconstruir discursos e comportamentos discriminatórios ainda





naturalizados no ambiente escolar, abrindo espaço para novas formas de convivência baseadas no respeito e na empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida favoreceu a importância de promover, no ambiente escolar, espaços de reflexão sobre a presença e o protagonismo das vozes negras na história e na sociedade. A intervenção cumpriu o objetivo de valorizar a cultura negra e trouxe o estímulo para que os estudantes possam questionar os processos de invisibilidade, contribuindo para a construção de uma educação antirracista. Além de favorecer o reconhecimento de personalidades e intelectuais negros, trouxe uma possibilidade de ampliar o repertório cultural e histórico dos estudantes, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento. Portanto, conclui-se que intervenções como essa se apresentam como caminhos pedagógicos eficazes para transformar o ambiente escolar em um espaço mais justo, plural e representativo, capaz de valorizar a diversidade e contribuir para uma sociedade mais justa.

Conclui-se, portanto, que iniciativas pedagógicas como esta são fundamentais para superar lacunas históricas ainda existentes no ensino, oferecendo aos estudantes uma visão mais completa da história e da cultura. Ao trazer visibilidade às contribuições negras, promove-se não só o reconhecimento de trajetórias invisibilizadas, mas também a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Dessa forma, a experiência analisada confirma que o ensino da história e da cultura afro-brasileira é um instrumento essencial para o fortalecimento da cidadania e para a valorização da diversidade no ambiente escolar e fora dele. Assim, reforça-se que o papel da escola vai além da transmissão de conteúdos, sendo também o de formar sujeitos críticos, conscientes de sua história e comprometidos com a justiça social. Com o reconhecimento da presença negra nas diversas áreas do conhecimento e nas práticas cotidianas escolares, acaba fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribui para a desconstrução de visões eurocêntricas ainda predominantes. Nesse sentido, é fundamental que as instituições de ensino incorporem, de maneira permanente, propostas pedagógicas que dialoguem com a diversidade étnico-racial, promovendo espaços de escuta, reflexão e valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira.





REFERÊNCIAS:

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, jan./jun. 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: wmf martinsfontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 10. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Clénia de Jesus Pereira dos. **A identidade negra no contexto escolar**: um estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro. São Luís, 2018.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2019.

